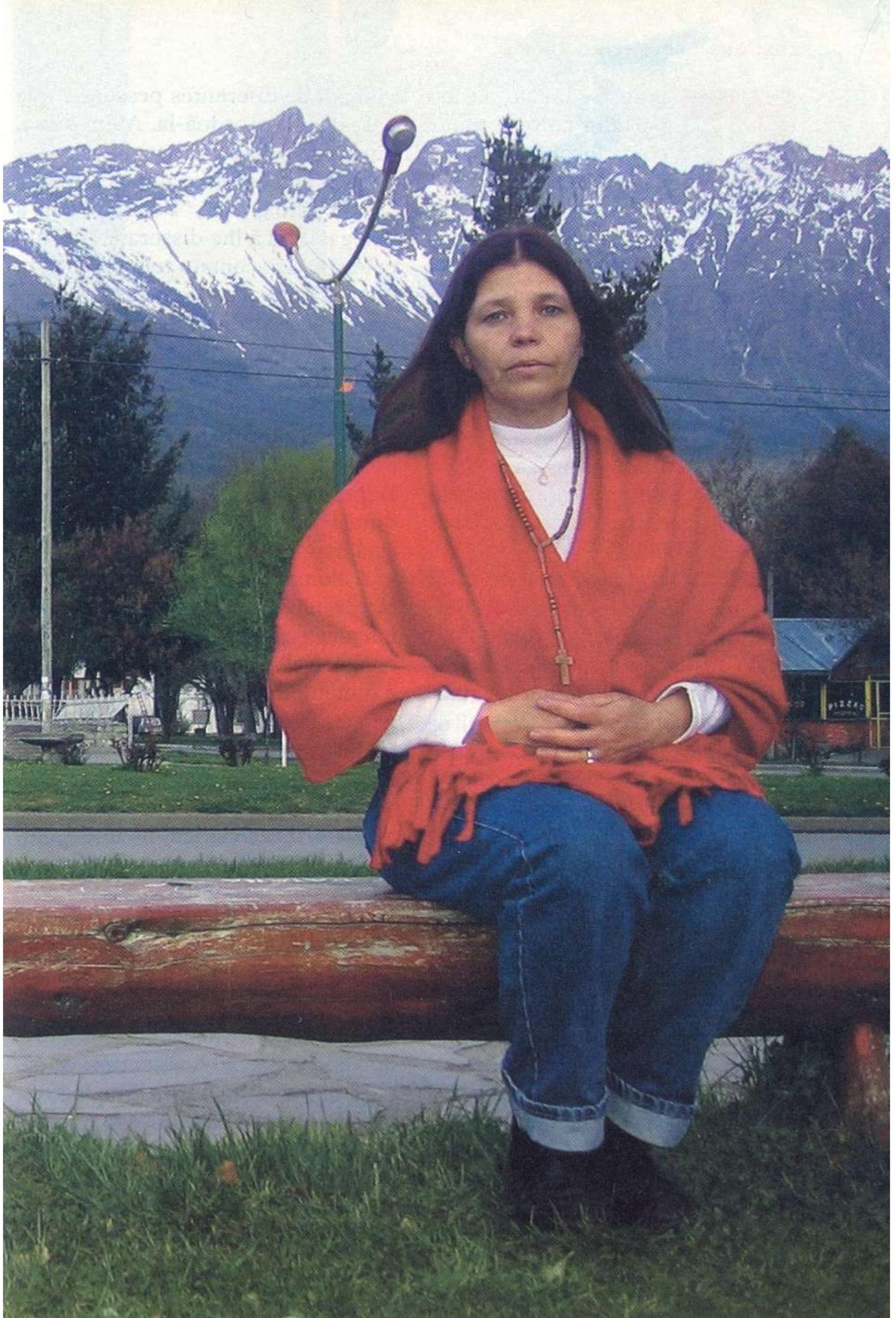


O ABRAÇO DE ANA

Após o assassinato do filho, esta mãe reuniu forças e resgatou dentro de si um dos sentimentos mais nobres: o perdão | POR RUBÉN GUILLEMÍ

AQUELE FOI O ABRAÇO mais doloroso que já dera. Ele se escondia em seu ombro enquanto chorava angustiado. “Eu não entendia por que, mas o estava abraçando”, diz Ana María Suárez, 56 anos. Quando ergueu os olhos por cima da pessoa que apertava entre os braços, Ana percebeu que em frente havia uma enorme janela. Ela pôde ver os bosques e as montanhas nevadas da primavera da Patagônia de 2006, a mesma paisagem aonde havia chegado 24 anos antes com o sonho de viver uma utopia de paz, em harmonia com a natureza.



EM BUSCA de algo que lhe permita compreender como foi que, de um só golpe, lhe foram arrebatados todos aqueles sonhos, Ana continua tentando reconstruir em sua mente cada minuto do que aconteceu ao filho Mariano na noite de 22 de setembro de 2006.

NAQUELE DIA, depois de resolver alguns assuntos juntos, Mariano levou a mãe de carro, por volta das nove da noite, para pegar as compras que ela havia feito no centro da localidade patagônica de El Bolsón.

Quando a deixou em casa, explicou que não queria demorar porque esquecera no fogo uma panela com a comida dos cachorros, e também porque o registro para encher a caixa-d'água ficara aberto.

- Cuide-se, filho - advertiu Ana, como sempre, ao se despedir dele.

- Pode deixar. Fique tranqüila. Até amanhã, mãe!

No dia seguinte, Ana participou de um encontro escolar, que durou o dia inteiro, no ginásio municipal de Lago Puelo, a 20 quilômetros de El Bolsón. Almoçou na casa de uma amiga, e, quando à tarde regressou ao ginásio, notou que suas companheiras a olhavam desconcertadas. Ninguém, porém, lhe dirigia a palavra. Até que uma das professoras decidiu falar com ela, como que tentando tranqüilizá-la, enquanto a conduzia para fora do ginásio.

O que Ana escutou em seguida foi uma série de frases entrecortadas que

vinham de diferentes pessoas e que passaram a atordoá-la. Além disso, ninguém lhe falava com clareza.

"Mariano sofreu um acidente", "Está muito grave", "Vamos levá-la à delegacia". Lá lhe disseram que iam colocá-la em contato telefônico com um promotor ligado ao caso, que estava sob a jurisdição da localidade de Esquel. O homem já não se referia a "Mariano", mas ao "corpo de Mariano", e dizia outras palavras terríveis para uma mãe, como "autópsia do seu filho" ou "traslado dos restos". Depois, chegaram frases ainda mais duras: "Ele foi assassinado... O rosto está irreconhecível."

A última palavra que escutou do promotor, talvez a mais cruel, trouxe-lhe um pouco de esperança. "Se está 'irreconhecível'... Como podem saber que é o meu filho?", "Fiquem tranqüilos, não é Mariano!", "Não pode ser Mariano!", repetia a todos, tentando contagiá-los de otimismo.

No entanto, as notícias que continuavam chegando iam na mesma direção: "Detivemos um rapaz jovem... parece que teve uma discussão com Mariano e o matou a pedradas."

Ana alimentou em vão um fio de esperança e pediu que a acompanhassem à casa do seu filho em El Bolsón. Mas tudo permanecia tal como fora deixado quase 20 horas atrás: os cachorros ladravam, a panela no fogo estava totalmente carbonizada e a água transbordava da caixa.

Em meio à confusão, parentes e amigos insistiram para que ela não viajasse a Esquel, onde estavam rea-



lizando a autópsia. “Não vá atrás do corpo. Mariano já não está nele”, disseram-lhe.

“Mariano gostava de levar alegria às pessoas”, diz Ana.

COMEÇAR UM CAMINHO

A PRIMEIRA VEZ que frei José Luis Genaro recebeu Ana no modesto escritório paroquial, havia passado quase um mês desde a morte de Mariano. Ela descrevia a sua situação interior como um nó, uma “pedra” na barriga. Sentiu uma pontada no ventre quando tocou o caixão com o corpo do filho, e a partir de então lhe foi impossível recordar Mariano sem experimentar ao mesmo tempo uma dor visceral, como uma câibra nas entranhas.

“Por que fui lhe pedir naquela noite que me levasse para pegar as compras?”, “Por que não o detive um pouco mais lá em casa?”, culpou-se Ana.

Naqueles primeiros encontros, a ajuda que frei José Luis podia oferecer

se limitava a escutar, e a não conter as próprias lágrimas. “Era muito pouco o que me animava a dizer. Eu sentia a mesma angústia de Ana e não encontrava qualquer sentido no que havia ocorrido”, lembra frei José Luis, um sacerdote franciscano de 52 anos, muito querido na região.

“Dê tempo a seu coração”, repetia-lhe o sacerdote. “Mas apegue-se à vida: não se culpe pelo que poderia ter feito ou por não ter se despedido de Mariano como gostaria. Agindo assim você está se prejudicando; machucando a si mesma e a seu filho. Essa atitude não o ajuda em nada.”

Naquela época, Ana começou a sentir também um impulso muito forte por descobrir a verdade, saber o que

realmente havia acontecido, e se manteve em contato com o promotor Fernando Rivarola.

Assim, acabou sabendo que o assassino era alguém desconhecido de seu filho. Chamava-se Héctor Fabián Chávez, tinha 19 anos, e sua primeira reação ao ser detido fora perguntar: “O que aconteceu com o homem?”, como se ignorasse o desenlace trágico.

A sua versão foi que, na noite do crime, Héctor pedia carona no caminho que vai de Lago Puelo a El Bolsón, e que Mariano passou por lá e lhe ofereceu carona em seu Renault Clio. Em seguida, os jovens pararam para comprar cerveja e começaram a beber dentro do carro. Héctor ficou bêbado e começou uma discussão que terminou tragicamente fora do veículo, quando Mariano foi ao chão e Héctor jogou uma enorme pedra sobre seu rosto. Seu relato, porém, tinha muitas incongruências quanto aos horários e ao ca-

minho que teriam pego, levando-se ainda em conta que Mariano também dissera à mãe que tinha pressa porque o carro estava com problemas, além de ter deixado uma panela no fogo e o registro da caixa-d’água aberto.

No entanto, como estavam os dois sozinhos, jamais houve outra versão dos fatos a não ser a de Héctor.

Ana nunca deixou de buscar a verdade sobre o que acontecera naquela noite, mas ao mesmo tempo sabia que havia um processo a ser percorrido. Como recuperar a paz interior?

Ela confessa que nunca sentiu ódio, mas tinha necessidade de compreender os motivos do assassino do filho.

– O que pode levar uma pessoa a matar outra com tanta crueldade? – perguntou, numa tarde de angústia, a frei José Luis.

– Você vai se desgastar muito se tentar compreender certas coisas – respondeu o sacerdote. – Em todo caso, você poderá dar um “significado” próprio a tudo o que fizer a partir desta experiência.

Quando o crime completou um mês, apesar das incertezas e da dor que sentia, Ana, com o apoio da mãe, decidiu retomar as atividades no seu programa de rádio semanal *Planeta vivo. Tercer milenio*.

Grande parte do caminho interior necessário para superar a tragédia ela começou a percorrer assim, “no ar”.

“Estou muito grata a todos os ouvintes que entraram em contato comigo. Sempre ouvi



Na manhã do dia 22 de setembro, a polícia chegou ao Lago Epuyén, onde ocorreu o crime.

dizer que, quando uma mãe tem de enterrar um filho, uma profunda dor abate seu ser – só que agora cabe a mim viver essa dor. Ao despertar a cada dia, devo superá-la. Então, olho para o céu e agradeço o dom da vida. Todos nos perguntamos por quê... Por que foi negado a Mariano o direito à vida.

Há 24 anos vim de Buenos Aires para El Bolsón com a esperança de viver aqui uma utopia, encontrar paz e tranquilidade em meio à natureza, e poder me afastar da violência das cidades grandes. Mas este povoado mudou muito. Agora, teremos de aprender a valorizar mais a vida. Esta mãe que há 27 anos carregou Mariano no ventre diz a seus queridos ouvintes: ‘Sigamos em frente com a vida... Ainda que com esta dor nas entranhas!’”

O CAMINHO DA DOR

A IRMÃ BASILIA Ostapowicz, freira da ordem basiliana, foi outra pessoa que ajudou Ana em seu processo interior. De família ucraniana, irmã Basilia havia aprendido com seus pais a transitar pelo caminho do sofrimento após testemunhar as atrocidades da 2ª Guerra Mundial.

“Às vezes você acha que já não guarda rancores no coração, mas, enquanto não encontrar a paz, ainda lhe falta um caminho a percorrer, e para isso não há ‘receitas’”, disse-lhe a irmã Basilia, a quem havia conhecido na paróquia de El Bolsón. “Existem tantos processos para a cura espiritual quantas pessoas no mundo. É muito difícil trilhar esse caminho, mas ninguém pode trilhá-lo por você.”

Depois dessa conversa, algo muito significativo aconteceu com Ana, num dia em que estava sentada num banco da paróquia, com o rosário na mão, chorando junto ao altar.

“Em determinado momento”, lembra ela, “vinham à minha mente imagens do meu filho na hora do crime. Eu disse a mim mesma: ‘Calma! Mariano já terminou sua luta e está com Deus. Você o ajudou como pôde e precisa se perdoar por achar que não soube adverti-lo a tempo.’”

“Naquele instante, o foco do meu pensamento foi se deslocando do meu filho para Héctor. Que inferno interior deve viver alguém que escolhe a violência para resolver os conflitos! Quanto medo terá sido semeado em seu coração para levá-lo a essa situação-limite? Estas reflexões sobre Héctor”, diz Ana, “me colocaram diante de duas alternativas: julgar e enlouquecer ou aprender e tentar curar as feridas...”

Héctor disse que sua vida era parecida com a de outros garotos marginais: pai alcoólatra e mãe que o abandonara aos 3 anos de idade. Assim, cresceu em um ambiente difícil. Além disso, tinha estado em um reformatório e quase não freqüentara a escola. Mal sabia ler e escrever.

FRENTE A FRENTE

O PROMOTOR Rivarola reuniu todas as provas do caso e o juiz marcou o julgamento para novembro de 2006, ou seja, 14 meses depois do assassinato.

A sala de audiências estava lotada – público, fotógrafos, imprensa, todos comovidos com o crime que havia sa-



curioso aquela comarca andina. Ana se sentou junto aos advogados e Héctor em uma cadeira contígua, na frente dos juízes.

Era a primeira vez que o via pessoalmente. Chamou-lhe a atenção seu corpo franzino e o rosto assustado. Héctor se declarou culpado imediatamente, o que frustrou a apresentação de outras testemunhas que conheciam Mariano e Héctor, e que talvez pudessem ter respondido a algumas das dúvidas de Ana.

Quando terminaram os depoimentos, foi perguntado ao acusado se desejava dizer algo mais. Héctor se levantou, olhou para Ana e lhe disse com lágrimas nos olhos: “Eu não quis fazer aquilo...”

Então Ana pediu licença aos juízes para se aproximar dele e lhe entregar um rosário. Em voz baixa, os magis-

trados começaram a deliberar, quando Ana os interrompeu: “Por favor... preciso fazer isso.”

Após a autorização, Ana se levantou e começou a falar com Héctor. “Mariano era um rapaz muito bom”, disse-lhe, “teria sido incapaz de fazer mal a você. Sei que estamos em um mundo violento e que a violência esteve presente na sua vida desde que você era criança, mas o amor cura todas as feridas, e aproximar-se de Deus é uma boa maneira de começar a percorrer esse caminho.”

Em seguida abriu a mão, deu-lhe o rosário, e Héctor caiu em pranto. Então, Ana o puxou em direção ao peito e chorou junto de quem havia destruído os seus sonhos. Foi para ela o abraço mais doloroso de sua vida.

No dia seguinte, a foto do abraço de Ana circulou pelas redações de todos

os jornais e canais de televisão da Argentina. *La Nación*, o jornal mais antigo do país, destacou em seu editorial “o valor do perdão como instrumento para transformar a realidade e resgatar o melhor do espírito do homem”.

A nota do jornal concluía: “Em um mundo muitas vezes perdido e doente, só quem sabe perdoar é capaz de mudar o próximo e a si mesmo.”

Nessa mesma tarde, Ana foi ao cemitério de El Bolsón, chorou junto ao túmulo do filho e depositou flores sobre ele.

“Descanse em paz, filho querido”, murmurou. “Eu também buscarei a cada dia oportunidades de espalhar a paz. Os seus olhos cor do céu vão me acompanhar sempre, com a sua última frase: ‘Fique tranqüila. Até amanhã, mãe!’”

HÉCTOR Fabián Chávez cumpre sua pena de nove anos de prisão na delegacia de El Hoyo, a mais de dez quilômetros de El Bolsón. Lá ele aproveita também para completar seus estudos primários.

CRIANÇAS E O AMOR

Está com problemas no amor? Consulte-se com estas crianças. Elas já “sacaram” tudo.

P: Como alguém decide com quem vai se casar?

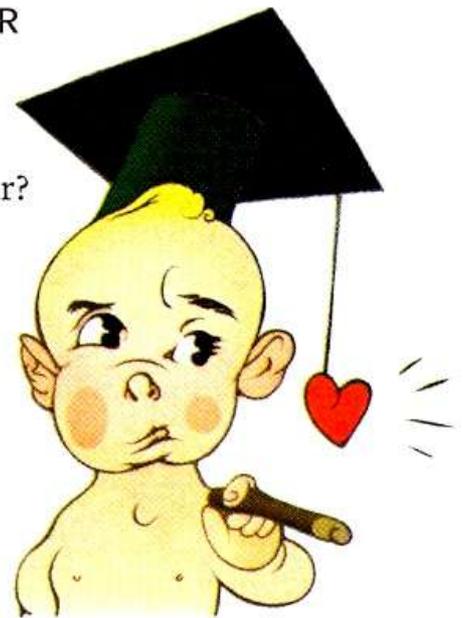
R: Antes de crescer, ninguém decide realmente com quem vai se casar. Deus já decidiu por antecipação, e só bem mais tarde você descobre a quem vai se “amarrar”. (Kristen, 10 anos)

P: O que você acha que sua mãe e seu pai têm em comum?

R: Ambos não querem saber de mais filhos. (Lori, 8 anos)

P: O que é apropriado para um casal fazer no primeiro encontro?

R: No primeiro encontro, cada um deve dizer algumas mentiras para o outro, e isso os deixará interessados em ter um segundo encontro. (Martin, 10 anos)



CRIANÇAS E O CASAMENTO

Uma vez meu primo de 5 anos perguntou para a mãe como as mulheres ficavam grávidas. Sem jeito, ela apenas disse:

– Ficamos grávidas após arranjarmos um marido e nos casarmos.

Minutos depois, ele se aproximou de uma prima minha que estava grávida, mas não era casada, e sussurrou a descoberta:

– Você se casou escondido, não foi?

LUÍZA A. FREITAS, Teresina (PI)